Comunicação &Informação Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação

A didática da teoria: relatos de estratégias no ensino de Teoria da Comunicação[1]

Theory didatics: narrative strategies for teaching Communication Theory

La didática de la teoria: relatos de estratégias para la enseñanza de Teorias de la Comunicación

Luís Mauro Sá Martino[2]

Resumo: Como ensinar Teoria da Comunicação? Quais as práticas, metodologias e estratégias de salas de aula? Este texto delineia aspectos da didática da disciplina em cursos de graduação. Com base nas respostas de 37 docentes da disciplina a um questionário online, foi possível observar três principais práticas: a) fazer as teorias dialogarem com saberes e experiências discentes; b) utilizar plataformas digitais e gamificação; e c) tornar a teoria como atividade reflexiva e crítica em um contexto social pragmático e imediatista. Esses pontos são discutidos a partir de estudos sobre o ensino de Comunicação.

Palavras-chave: Teoria da Comunicação; ensino; didática; prática docente; aula.

Abstract: How to teach Communication Theory as to make it meaningful in the students' life? What teaching practices, methodologies, and strategies are used in classrooms? This text outlines some aspects of teaching the subject in undergraduate courses. Grounded on 37 responses by teachers to an online survey, it was possible to observe three main aspects highlighted regarding the topic: a) the concern to make theories dialogue with students' knowledge and experiences; b) the use of technology, including digital platforms and gamification; and c) the challenges in making theory a reflective and critical activity in the face of a pragmatic and immediate social context. These points are discussed against the backdrop

[1] Agradeço os comentários e sugestões presentes nos pareceres, que em muito contribuíram para a melhoria deste texto. Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa realizada com apoio do CNPq, processo no. 305133/2022-5.

[2] Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Professor da Faculdade Cásper Líbero, Faculdade Paulus de Comunicação (Fapcom) e Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (Fecap). E-mail: lmsamartino@gmail.com.

of studies on Communication education.

Keywords: Communication Theory; teaching; didactics; teaching practice; classroom.

Resumen: ¿Cómo enseñar Teoría de la Comunicación? ¿Qué prácticas, metodologías y estrategias docentes se utilizan en el aula? Este texto describe algunos aspectos de la enseñanza de la materia en cursos de grado. A partir de 37 respuestas de docentes a una encuesta en línea, se observaron tres aspectos principales: a) la preocupación por conectar las teorías con los conocimientos y experiencias de los estudiantes; b) el uso de la tecnología, incluyendo plataformas digitales y la gamificación; y c) los desafíos para convertir la teoría en una actividad reflexiva y crítica en un contexto social pragmático e inmediato. Estos puntos se discuten en el contexto de los estudios sobre educación en comunicación.

Palabras-clave: Teoría de la Comunicación; enseñanza; didáctica; práctica docente; aula.

1 INTRODUÇÃO

Como ensinar uma disciplina teórica? De modo específico, como lecionar Teoria da Comunicação? Esses questionamentos, presentes no cotidiano das práticas docentes no ensino superior, revestem-se de particular interesse nos cursos da área de Comunicação pelo fato de serem voltados, em boa parte, para carreiras de mercado, e não necessariamente para a pesquisa e a docência universitária.

A pergunta “como ensinar”, de saída, poderia sugerir que este texto se volta para uma discussão didática. No entanto, esse aspecto parece estar ausente nos cursos da área de comunicação, uma vez que se tratam de bacharelados, e não de licenciaturas, não havendo preparação específica para a docência. As exceções, já no âmbito de mestrados e doutorados, são os eventuais estágios docentes. Não parece haver, portanto, formação em didática para futuras e futuros professores – daí a especificidade desta discussão (Martino, 2018; 2025).

Esse problema não é específico da área de Comunicação. Como recordam Fernandes, Freitas e Carneiro (2019, p. 272), “a maior parte dos professores do Ensino Superior não se formou para a docência” e, por isso, “julgam não ser importante a formação didática para sua atividade profissional”. O resultado, para as autoras, é que o ensino fica reduzido “ao domínio dos conteúdos e, na maioria dos casos, reproduzindo os modelos de professores que tiveram quando estudantes”.

Nos estudos sobre o ensino universitário de Teoria da Comunicação a dimensão

didática parece ainda não ter sido objeto de pesquisas mais detalhadas. Dos textos publicados sobre o ensino de Teoria da Comunicação entre 1967 e 2023, recenseados por Bardini e Martino (2025), apenas os estudos de Baptista (2003), Martins e Silva (2012), Costa (2003; 2016) e Maia *et al.* (2017) dedicam espaço a essa temática, sendo os demais voltados para questões relacionadas à constituição de ementas, temáticas e planos de ensino.

Ao mesmo tempo, embora existam iniciativas voltadas para o debate do ensino, como o Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ), responsável pela publicação da Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, a discussão ainda parece ser localizada, quando não pontual.

Diante desse cenário, como lecionar Teoria da Comunicação? De que maneira efetivar uma tradução significativa dos saberes teóricos da área de comunicação para dialogar com o cotidiano de estudantes que chegam, todos os dias, às aulas? Essas perguntas se colocam para professoras e professores a cada novo semestre letivo e, mais ainda, a cada nova aula, diante do olhar das turmas em sala de aula.

E o que se esconde nesse olhar? Quais são os esforços, dificuldades, enfrentamentos e atos de resistência cotidiana de alunas e alunos para conseguirem estar na sala de aula? Qual o cansaço, as jornadas duplas ou triplas, as demandas profissionais e pessoais que roubam a atenção da aula? Certamente seria possível falar, de modo genérico, em “desinteresse”, mas é preciso lembrar também – embora não seja o foco deste texto – as condições de vida do corpo discente como um fator de importância na necessidade de “conquistar” sua atenção.

Tais questionamentos tangenciam um debate mais amplo sobre a didática do ensino superior. No entanto, por razões de foco e espaço, entende-se que este não é o lugar para uma discussão mais aprofundada – remetendo-se aos delineamentos feitos por Garcia (1995), Oliveira (2012), Silva (2018) e Popoff (2020), além dos trabalhos de Libânio (1993) e Gil (1995).

A partir das definições de Fernandes, Freitas e Carneiro (2019, p. 265), entende-se que “o objeto da didática é o ensino em toda a complexidade, que precisa ser compreendido não de maneira despropositada, mas tendo como finalidade a aprendizagem”. Por seu turno, Espírito Santo e Luz (2013, p. 59) definem didática como “um conjunto de atividades organizadas pelo docente” com o objetivo de “favorecer a construção do conhecimento pelo estudante, sem caráter normativo ou mesmo prescritivo, ajustando-se ao projeto educativo

de uma sociedade". Masetto (2023, p. 150) oferece uma síntese ao assinalar que a didática está voltada para "criar, definir e organizar possibilidades metodológicas e estratégias de ação docente, [de modo a] para orientar o fazer pedagógico profissional dos professores e a aprendizagem dos alunos".

Se questões dessa natureza não parecem ter muito espaço no referencial sobre o ensino de Teoria da Comunicação, elas encontram especial acolhida nas conversações informais em salas de professores e corredores universitários. Nesses espaços as questões de ensino e aprendizagem em sala de aula costumam ser sublinhadas não necessariamente em termos de práticas e estratégias, mas, muitas vezes, em termos de uma vaga negatividade a respeito do "desinteresse" ou "apatia" de estudantes, sobretudo diante das disciplinas "teóricas" (Franco, 2013; Sadoff, 2014; Maggio, 2018).

A partir desses questionamentos, delineia-se, neste texto, algumas das estratégias e desafios relacionados à didática de Teoria da Comunicação tal como definidos por professoras e professores da disciplina. Para a obtenção dessas informações foi elaborado um questionário *on-line*, disponibilizado e divulgado para as listas de e-mails da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e da Associação Brasileira do Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), duas entidades de pesquisa que congregam parte significativa – mas não representativa em termos estatísticos, vale assinalar – de docentes da área. O questionário ficou disponível para resposta durante dois meses. As perguntas voltavam-se para conhecer as definições docentes sobre o conceito da disciplina, a elaboração dos planos de ensino e as estratégias didáticas – esta última é o objeto deste texto, enquanto as demais foram discutidas em elaborações anteriores (Martino, 2018; 2025).

Foram obtidas 37 respostas, a partir das quais se desenvolveu este texto. A partir disso foi possível observar algumas de suas práticas, bem como suas reflexões a partir de suas experiências e vivências em sala de aula. No questionário a pergunta sobre o aspecto didático era: "Quais são suas práticas, em sala de aula, para despertar e manter o interesse discente na disciplina?". Analisou-se as respostas dos discentes a partir de um quadro de referências formado por livros sobre o assunto, secundado por estudos sobre o ensino de Comunicação.

Entende-se que, no cotidiano das salas de aula, a participação das turmas em uma disciplina resulta de uma construção conjunta do conhecimento. O questionamento sobre

como “despertar e manter o interesse” se pauta na necessidade de compreender as estratégias docentes para essa dinâmica. Silva (2018, p. 208), define “estratégia” como os “procedimentos que visam fazer com que o ensino se traduza em aprendizagem, mediando a relação pedagógica professor-aluno na construção de um novo conhecimento”.

A leitura das respostas foi feita a partir da aproximação entre as temáticas assinaladas. Foi possível notar a existência de dois principais grupos de respostas. De um lado, aquelas que se concentraram nos aspectos didáticos, tais como se traduzem em estratégias de sala de aula, destacando a utilização de técnicas e tecnologias. Por outro lado, respostas que problematizavam o que Garcia (1995) chama de “condições pedagógicas”, isto é, o contexto social e político da didática e a necessidade de manter o interesse discente em uma sociedade pautada pelo imediatismo, na qual a reflexão teórica ocupa um segundo plano (Franco, 2013; Silva, 2018).

A dimensão pedagógica do ensino de Teoria da Comunicação, em alguns momentos, parece fomentar uma série de experiências no sentido de construir pontes com o cotidiano de estudantes, seja a partir do desenvolvimento de atividades ligadas a jogos (Alexander; Reynard, 2008; Delaney; Farris, 2022) seja na utilização e no desenvolvimento de produtos midiáticos, como peças publicitárias, quadrinhos ou *podcasts* (Baptista, 2003; Meyers, 2014; Taylor; Blevins, 2020).

No que se segue, o texto está organizado a partir desses dois grupos de respostas, antecedidos por uma breve contextualização do tema nas pesquisas da área, do seguinte modo: discute-se a) o lugar das questões didáticas no ensino de Teoria da Comunicação, seguindo-se a análise das respostas de acordo com b) as questões didáticas específicas utilizadas em sala de aula e b) os fatores sociais ligados às estratégias de sala de aula.

Vale, antes de prosseguir, duas ressalvas. Não se tem a pretensão de apresentar representatividade estatística. O questionário foi respondido por pessoas que, diante da quantidade de demandas profissionais e acadêmicas, puderam dedicar uma parcela de seu tempo a ele. O recorte se restringiu à oferta da disciplina em cursos de graduação, compreendendo que a dinâmica da pós-graduação tem suas especificidades.

Do mesmo modo, considera-se que as respostas apresentam um quadro limitado das vivências em sala de aula, restringindo-se ao que foi dito pelas pessoas participantes a partir

de suas próprias experiências. A prática docente não pode ser separada das condições sociais de sua elaboração, bem como das histórias de vida e da constituição subjetiva dos docentes.

2 O LUGAR DO ENSINO NO DEBATE SOBRE TEORIA DA COMUNICAÇÃO

Em sua dimensão mais cotidiana na vida universitária, a Teoria da Comunicação é como uma disciplina oferecida em cursos de graduação da área, geralmente nos primeiros semestres. A disciplina é revestida por algumas peculiaridades que precisam ser pontuadas para compreender a maneira como a pergunta de pesquisa que orienta o estudo se posiciona. Nesta seção são apresentados, sem pretensão de exaustividade, alguns aspectos do lugar da disciplina nos cursos de Comunicação.

A denominação "Comunicação" precisa, imediatamente, ser problematizada na medida em que, desde a reforma das Diretrizes Curriculares Nacionais, em 2013, não existem mais cursos de "Comunicação", os quais foram desmembrados nas antigas "habilitações" – Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas e Radialismo, por exemplo. No entanto, Teoria da Comunicação, como disciplina, continuou a ser ministrada sem distinção em relação aos novos cursos.

A Teoria da Comunicação é geralmente incluída entre as disciplinas denominadas, nas matrizes curriculares, como "básicas", "comuns" ou "teóricas", voltadas à formação humanística; em contraste com as "aulas práticas", mais diretamente relacionadas à preparação técnica e profissional. Nos cursos universitários, como recorda Baptista (2003), as disciplinas teóricas tendem a ser dotadas de um prestígio relativamente baixo, sendo, na expressão da autora, consideradas "entulho de currículo", sem aplicação imediata e com pouco interesse ou relação com a realidade.

É possível compreender esse aspecto relacionando-o ao valor simbólico atribuído aos diversos tipos de conhecimento na sociedade. Em um modelo socioeconômico voltado à multiplicação das formas de produtividade como índice de dedicação e mesmo de sucesso, entende-se que tudo o que não for imediatamente dotado de um aspecto "prático" e, portanto, "produtivo" tende a ser objeto de uma menor valoração (Bauman, 2016; Han, 2018).

Disciplinas e saberes voltados para um aspecto mais crítico e reflexivo parecem destoar de uma lógica dominante – e, por isso, estariam afastados do que "realmente importa" a esse

modelo. Isso tende a situar a Teoria da Comunicação como representativa do conhecimento "teórico" e, à primeira vista, desprovida de um interesse imediatamente reconhecível (Lima, 1983; 2001; Gray, 2023).

Se, por exemplo, estuda-se determinada disciplina "prática" no sentido de aprender técnicas de aplicação profissional imediata, qual seria o sentido de estudar uma matéria teórica?

É preciso fazer duas pontuações. Primeiro, seria apressado ou mesmo ingênuo enfatizar uma dicotomia entre "teoria e prática" ou "matérias teóricas *vs.* matérias técnicas". Isso seria atribuir um aspecto tecnicista e redutor às práticas, como se elas não fossem também, por sua vez, dotadas de questões e discussões teóricas. Segundo, as questões de prestígio mencionadas não se referem exclusivamente à Teoria da Comunicação, mas parecem atingir todas as disciplinas "teóricas" presentes nos cursos universitários, como, por exemplo, Sociologia, Antropologia ou Filosofia. Pesquisas nessas disciplinas, aliás, mostram a transversalidade dessa questão (Tavolaro, 2013; Oliveira, 2015; Reis, 2025).

A ênfase, aqui, reside no fato de a Teoria da Comunicação ser uma das únicas disciplinas voltadas exclusivamente para o estudo das questões próprias da área, em contraposição a componentes curriculares oriundos de outras áreas e presentes nos cursos da área de Comunicação. Dito de outra maneira, se disciplinas como Filosofia ou Economia estão presentes nas matrizes curriculares de um curso é no sentido de uma contribuição interdisciplinar; a Teoria da Comunicação, por sua vez, é uma disciplina originária do próprio campo, voltada à compreensão de problemáticas específicas da área.

Essas indefinições, no entanto, não parecem ter interferido na consolidação da Teoria da Comunicação como disciplina universitária. Sua obrigatoriedade como parte das matérias "básicas" ou "comuns" parece ter sido objeto de poucos questionamentos, como aponta Lins da Silva (1979), embora as discussões sobre seus contornos e pertinência pareçam nunca ter arrefecido, a julgar pelas considerações de Santaella (1982), Epstein (1983) ou Lima (1983). Ao que tudo indica, a preocupação com a pergunta "como ensinar" não parece ter sido endereçada, de maneira mais sistemática, na literatura da área. É a partir daí que são desenvolvidas, a partir das respostas aos questionários, as duas próximas seções.

3 A DIDÁTICA ENTRE O RECURSO TECNOLÓGICO E OS SABERES DISCENTES

Dentre as respostas obtidas, um primeiro grupo dedica-se a pensar a didática em termos próximos às técnicas de sala de aula, sublinhando os aspectos práticos e as estratégias dedicadas às melhores maneiras de compartilhar saberes nesse espaço. Observa-se, assim, uma preocupação com o fazer docente em sua acepção mais imediata – o ato de ensinar em sala de aula.

Destacam-se, inicialmente, respostas voltadas para a compreensão da aula como um espaço dialógico, formado por elementos heterogêneos que, quando combinados dentro de uma configuração específica, contribuem para o estabelecimento de uma situação. É o conjunto da aula, pensada em suas várias dimensões, o objeto de preocupação expresso por algumas das pessoas respondentes, sem se restringir a esta ou àquela técnica específica, o que não significa que elas não sejam utilizadas, mas sim compreendidas como parte de um todo mais dinâmico. Uma das pessoas respondentes indica isso:

> Na graduação não vejo muito como fugir da "contação de estórias" sobre teoria da comunicação e jornalismo. É isso que tem se mostrado mais eficiente em sala de aula para manter o engajamento mínimo dos discentes para com a disciplina. Quando aproximamos as disciplinas de Teoria e Metodologia, a "Aprendizagem Baseada em Problemas" parece ser um recurso que ajuda a emprestar materialidade as discussões. Afinal, quando se tem um problema concreto que exige uma solução, manejar com as teorias para ajudar a pensá-los melhor parece fazer mais sentido (Respondente 03).

A questão didática, aqui, parece envolver um cuidado com o processo de aprendizagem e ensino que acontece, mas não se encerra, na sala de aula, procurando trazer uma perspectiva de diálogo com a realidade ao redor. É nesse sentido que, recordando Freire (1997), o respeito aos saberes do educando se torna uma parte fundamental do processo pedagógico, colocando em diálogo o saber constituído da disciplina e as práticas, vivências e experiências dos estudantes, cabendo à figura docente o papel de mediadora desse encontro. Algumas respostas sugerem essa preocupação de articular a teoria e a vida, como esta:

> Sou conhecida pelos alunos por um jargão 'teoria tem que explicar a vida'. Eu defendo bastante a ideia de que só vale a pena exercitar a abstração, compreender conceitos se houver uma aplicabilidade real para o entendimento dos fenômenos do dia a dia (seja do exercício profissional ou da vida pessoal). Uso muito séries de streaming (Respondente 13).

Algo semelhante é encontrado em outras respostas, com uma preocupação em colocar a relação entre teorias e vivências em primeiro plano nas atividades em sala de aula.

> Uma das práticas que eu faço na primeira vez que dou aula para uma turma é construir com eles um mapa cultural, ou seja, saber do que eles gostam sobre filmes, séries, músicas, livros, pinturas e, também, onde eles se informam, quais as mídias. A partir desse rápido diagnóstico, procuro levar para as aulas exemplos que são familiares e eles para articular com as teorias (Respondente 08).

Esta resposta se apresenta como representativa na medida em que indica um elemento também presente em outras respostas: a preocupação em compreender o ambiente midiático no qual estudantes estão inseridos em suas vivências cotidianas. Na perspectiva das pessoas respondentes o diálogo com as experiências de discentes busca compreender o ambiente midiático no qual estão inseridos.

Seguindo uma trilha de estudos formulados por Gomes (2012), Hjarvard (2010), Martino (2019) e Hepp (2016), em uma sociedade midiatizada, na qual os processos sociais estão articulados com o ambiente midiático, a preocupação em compreender a maneira como estudantes se articulam com esse espaço, tanto no âmbito da produção quanto de consumo, torna-se particularmente importante no sentido de estabelecer um diálogo pedagógico e, a partir daí, considerar estratégias didáticas. As respostas a seguir mostram a preocupação com esse aspecto.

> O desafio é a articulação das teorias com as experiências de produção e consumo de mídia. Assim, procuro trabalhar os conteúdos teóricos entrelaçados com temas atuais, utilizando filmes, documentários, produções midiáticas, etc. Os(as) estudantes são convidados a levar casos para debater em aula e relacionar com as teorias em debate (Respondente 11).

> Procura relacionar com experiências que os alunos têm com as publicações nas redes sociais, temas e suas práticas com as plataformas. Tento mostrar uma conexão entre visões que eles têm de sua experiência e o modo pelo qual as teorias pensaram essas questões em ambientes analógicos. O que parece permanecer e o que parece ter mudado (Respondente 12).

Esta última resposta, por seu turno, abre espaço para outra problematização: em que medida é possível ensinar teorias da comunicação criadas para pensar um ambiente analógico

diante das mídias digitais? Um ponto de inflexão, também presente em outras respostas, permite observar certo descompasso entre esse tipo de saber teórico e sua aplicação "prática", remetendo a uma discussão mais ampla sobre o que é "teoria" (Braga, 2019; Martino, 2020).

Uma das respostas vai além na perspectiva de compreensão desse descompasso, permitindo questionar em que medida as teorias apresentadas na disciplina Teoria da Comunicação representam, de fato, a base teórica de pesquisas em curso da área. Vale assinalar que esta pesquisa tem seu foco no ensino de graduação e a resposta a seguir é apresentada como exceção:

> Afinal, os mestrandos em geral só se interessam por Teorias porque tem um problema prático para resolver em 24 meses – a dissertação (Respondente 03).

Nesse aspecto, parece que está sendo delineada uma – talvez paradoxal – dicotomia entre pesquisa e ensino, com efeitos diretos sobre a didática: vale perguntar se as dificuldades assinaladas por docentes dessa matéria não se devem, ao menos em parte, ao fato de as teorias ensinadas em Teoria da Comunicação nem sempre dialogarem com os referenciais teóricos acionados nas pesquisas desenvolvidas (Martin; Weber, 2006) – ou, como diz a respondente, "a dissertação" a ser resolvida "em 24 meses".

Ainda nesse quesito, voltado para a definição de estratégias em sala de aula, nota-se, nas respostas, preocupações com os aspectos técnicos ou tecnológicos utilizados. Em alguns casos as pessoas respondentes ressaltaram certa predominância do aspecto tecno-midiático como recurso, mas sempre articulada com os demais elementos. Os extratos a seguir sugerem isso.

> Geralmente utilizo o power point como forma de organizar ideias, incluir imagens, tabelas e gráficos, utilizo videos do youtube (Respondente 08)

> O cuidado na elaboração do Powerpoint foi essencial. Os slides têm sempre pouco texto e uma grande imagem. As imagens são selecionadas a partir de critérios históricos, de modo a complementar a informação (e não apenas como meras ilustrações aleatórias) (Respondente 02)

No aspecto tecnológico, são mencionados também o uso de plataformas de vídeo e, em alguma medida, elementos relacionados à chamada "gameficação" do ambiente. Embora

mais raras, algumas respostas apontam para esse tipo de prática.

> Peço trabalhos não expositivos e por vezes uso recursos interativos como planilhas colaborativas, menti, kahoot etc. (Respondente 10).

A reflexão sobre as práticas de sala de aula, tal como elaboradas pelas pessoas respondentes, parece apontar para uma preocupação contínua com a aproximação entre as teorias da comunicação e as vivências trazidas por discentes para o espaço das classes. É possível observar uma busca não apenas pela "apresentação do conteúdo", no sentido de constituir o relato de um saber passado – um imaginário "museu das teorias" – apenas ilustrativo, mas de colocar os conceitos em diálogo com o presente.

Nesse ponto, a questão didática encontra-se diante de um segundo desafio: as contingências de um tempo presente em que os discursos teóricos mobilizados em sala de aula se contrapõem a problemas de natureza mais ampla, por vezes estruturantes, referentes às dinâmicas de sala de aula. Esse segundo aspecto, de alcance mais abrangente, é o tema da próxima seção.

4 A INTERSECÇÃO COM O CONTEXTO SOCIAL

Embora parte das respostas se refira a aspectos técnicos da didática e à elaboração das práticas de sala de aula, algumas das pessoas respondentes procuraram situar essas práticas em relação a questões mais amplas, seja ao refletirem sobre os desafios das aulas de Teoria da Comunicação no contexto universitário, seja ao trazerem para a discussão características próprias dessa área de estudos.

Isso remete a alguns questionamentos. Existiriam desafios específicos para o ensino de Teoria da Comunicação? Quais veredas poderiam emergir das características desse campo de estudos? Uma das pessoas respondentes, na resposta mais extensa à pergunta, procura problematizar o ensino a partir das particularidades da Teoria da Comunicação enquanto um recorte específico de investigação da área, ecoando pesquisas anteriores (Hicks; Stacks, 1993; Adler, 1995; Bonin, 2005; Heisler; Discena, 2005; Bauman, 2023). Sua problematização tem início ao situar a questão em um contexto mais amplo, relacionado às dinâmicas da formação contemporânea:

> Procuro inclinar as questões para temas e assuntos da realidade. Mas já desromantizei um pouco essa questão do "interesse" ou da "motivação", dois pressupostos dessa nossa sociedade exageradamente hedonista (Respondente 01).

Vale problematizar de imediato a referência a uma "sociedade exageradamente hedonista". A utilização dessa expressão permite pensar em que medida o espaço da sala de aula não é concebido a partir de uma lógica mercadológica de oferta e procura, na qual o objetivo seria atender a uma demanda por satisfação imediata, próxima das dinâmicas de velocidade próprias do entretenimento (Fuss, 2014; Bauman, 2023).

Pode-se ampliar essa problematização pensando que os discursos teóricos existem dentro de uma lógica voltada para a produtividade, em que a motivação não estaria ligada à construção de significados atribuídos a uma determinada atividade, mas direcionada à obtenção de resultado (Han, 2018). É possível questionar se, dentro de uma perspectiva dominante de oferta e procura, orientada pela satisfação de demandas no menor tempo possível, as dificuldades em despertar o interesse não estariam relacionadas a uma expectativa de satisfação rápida – ou, ainda, na busca de um "serviço" a ser oferecido nas melhores condições (Maia, 2023).

Evidencia-se, dessa forma, a obrigação de transformar em "prazer" as atividades obrigatórias, no sentido eventual de romantizar a produtividade como forma de "satisfação pessoal" ou no sentido de frases motivacionais em circulação em redes sociais, como "faça o que você gosta e não trabalhará um único dia na vida".

A respondente prossegue:

> Quem escolhe uma formação acadêmica é que precisa se adaptar, não temos que trazer o mundo do senso comum para dentro da universidade. Ilustrar o debate com fatos do contemporâneo é uma coisa, mas ficar nisso e nos achismos e opinatismos que sempre ocorrem em aulas é um reducionismo do qual eu tento escapar (Respondente 01).

Vale observar a perspectiva da aula como um espaço de elaboração de um conhecimento que, se, de um lado, dialoga com a realidade ao seu redor, também procura, por outro lado, problematizá-la para além do senso comum (Martins; Silva, 2012; Maia *et al.*, 2017; Myers, 2022). Um aspecto decorrente desse tipo de postura pode ser observado em

outra resposta:

> Honestamente tenho muitas dúvidas se alguma vez consegui despertar atenção dos alunos nas disciplinas (a não ser daqueles 10% fora da curva, que também gostam de pensar sobre comunicação) (Respondente 02).

Essa perspectiva retoma, de alguma medida, o que foi mencionado sobre o discurso comum no que diz respeito à "falta de motivação", "falta de interesse" ou "apatia" de discentes em cursos de graduação. Isso parece ecoar em outras respostas, nas quais os problemas de foco e interesse são relacionados a características do corpo discente:

> É um desafio manter o interesse discente nesse tipo de disciplinas, visto que os alunos têm pouca iniciação a esse tipo de leitura e com o pensamento científico, de forma geral (Respondente 06).

Uma estratégia apontada por uma das respondentes indica a necessidade de, diante desse mesmo panorama, propor atividades em que as salas assumam o aspecto prático do trabalho:

> Atualmente, é bem complicado. Os alunos leem muito pouco e as estratégias acabam sendo realizar seminários ou atividades em que eles precisam produzir alguma coisa (vídeos, conteúdo sonoro, análises etc.), pensando exemplos contemporâneos. (Respondente 07)

Uma das respondentes aponta para outro caminho, indicando dificuldades específicas do ensino da matéria. A principal relaciona-se a algumas características específicas da Teoria da Comunicação não só como disciplina acadêmica ou área de estudos, mas também como espaço institucionalizado dentro de um campo acadêmico marcado, como recorda Bourdieu (2021), por tomadas de posição, embates e disputas pela prerrogativa do estabelecimento de definições legítimas do que constitui uma área do saber. Para a respondente, a dificuldade de trabalhar Teoria da Comunicação em sala de aula decorre, ainda que em parte, dessas questões epistemológicas e institucionais mais amplas:

> Um dos distanciamentos que eu acredito existam, historicamente, é por conta de GTs de teorias em diferentes contextos nos quais se teve muito mais discussões de ego e de projeção na área do que inclusão e acolhida a quem estudasse e se interessasse

pelos temas e teorias e correntes (Respondente 01).

É interessante verificar a ligação estabelecida pela respondente entre a questão do posicionamento epistemológico, institucional e pessoal, de um lado, e o afastamento de estudantes do estudo das teorias da comunicação, de outro. A compreensão da respondente sobre a Teoria da Comunicação como um espaço acadêmico hermético e pouco acolhedor dentro da área de Comunicação é, em alguma medida, representativa de discursos semelhantes que circulam nos espaços informais do ambiente universitário.

Uma direção semelhante, mas referente ao lugar ocupado pela disciplina em relação às matérias correlatas dentro do curso universitário, evidencia uma dicotomia entre as chamadas "teóricas" e as "práticas", como mencionado em outro item deste texto (Vocate, 1997; Temer, 2007). A formação "prática" oferecida pelo curso universitário, muitas vezes apresentada no discurso publicitário do ensino superior como um diferencial positivo, parece atuar em um sentido contrário à valorização da formação teórica, como indica uma das pessoas respondentes:

> O curso que atuo como docente possui uma cultura muito voltada às disciplinas práticas e laboratoriais, desde os semestres iniciais, então para mim foi muito desafiador despertar o interesse discente na disciplina. Por ter essa característica prática, os(as) estudantes leem muito pouco, então eu buscava propor atividades como elaboração de questões prévias (tendo sempre discentes responsáveis por aula) para debate sobre os textos (Respondente 06)

O aspecto institucional, aqui, é apresentado em uma outra dimensão: não se trata de pensar o lugar da Teoria da Comunicação diante de um campo científico da comunicação, trata-se de situá-la dentro do curso e, em particular, dentro de uma cultura institucional – no caso, voltada para uma formação mais técnica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como ensinar Teoria da Comunicação?

A pergunta na origem deste texto, respondida por 37 docentes dessa disciplina, sugere um panorama variado de estratégias e práticas que não poderiam ser reduzidas a um conjunto simples de procedimentos, próximo a um receituário do "que fazer": a sala de aula é um

espaço vivo, plural e multiforme, constituído de biografias e histórias de vida que se entrelaçam em um diálogo tensional com o contexto histórico e social no qual se inserem. Ainda assim, é possível inferir, a partir das respostas, alguns delineamentos acerca das práticas – dos quais derivam, igualmente, perspectivas futuras de investigação.

Em seu conjunto, as 37 respostas sugerem que a preocupação didática se desenvolve em vários níveis, indicando a necessidade de ampliar esse tipo de discussão no sentido de compreender a sala de aula, como define Ferrara (2000), como o "espaço de uma experiência", colocando em diálogos saberes docentes e discentes na construção significativa de um conhecimento – teórico – em comunicação.

Uma primeira inferência indica a necessidade de entender o que é teoria e como ela se entrelaça com as experiências cotidianas. Em particular, o que é uma teoria da comunicação e de quais maneiras ela se articula com as vivências, sobretudo midiáticas, presentes nas interações cotidianas de estudantes. Se, de um lado, docentes assumem a tarefa de "traduzir" as proposições teóricas em sala de aula, é necessário, por outro, entender quais são as linguagens presentes na vida do corpo discente.

Nesse sentido, nota-se, a partir das respostas, que conceitos e teorias ajudam a nomear vivências e a compreender criticamente o cotidiano. A efetividade do aprendizado da teoria, em certa medida, se dá no momento em que os estudantes, a partir da mediação docente, percebem que fenômenos conhecidos têm um nome e podem ser problematizados de maneira crítica.

Outro aspecto parece indicar a necessidade de entender e apresentar a Teoria da Comunicação como um conjunto de discursos produzidos por pessoas reais, em épocas e lugares definidos por suas condições históricas, não como um conjunto de abstrações criadas por nomes desconhecidos presentes em um texto ou na apresentação em uma tela.

A técnica, nesse sentido, é um complemento da experiência de sala de aula. As respostas permitem inferir que a utilização de apresentações em PowerPoint, estratégias de gamificação e utilização de projetos e desafios são meios para se trabalhar a finalidade da sala de aula – a relação de ensino e aprendizagem. Trata-se, ao que tudo indica, de trabalhar a técnica como componente da aula, e não de instrumentalizar a prática.

O questionamento a respeito das possibilidades de ensino de disciplinas teóricas, ainda

que nem sempre seja colocado de maneira aberta e direta, parece rondar as preocupações dos docentes, ao menos nos espaços informais de conversação nos ambientes universitários – não excluindo, evidentemente, a presença desse tipo de discussão em pautas e agendas de reuniões de curso ou departamento, ou mesmo, em alguns casos, sua tematização em atividades formativas docentes. A questão se impõe, de maneira prática, quando se está diante da sala de aula com a incumbência de lecionar Teoria da Comunicação. É a partir daí que foi possível trazer, para este texto, a empiria das respostas obtidas no questionário.

Vale, evidentemente, não generalizar essas considerações – trata-se de inferências possíveis a partir de uma amostra limitada de 37 pessoas respondentes, sem pretensão de representatividade estatística ou demográfica. Outra limitação deste estudo diz respeito ao foco, voltado à compreensão da didática dentro de uma pesquisa mais ampla sobre o ensino de Teoria da Comunicação. Para pesquisas futuras, entende-se ser possível problematizar mais aspectos cotidianos da didática a partir de relatos detalhados de vivências em sala de aula.

O espaço da teoria, lembra hooks (2013), tem potencial para se apresentar como uma prática transformadora, acolhedora e provocativa, voltada para a construção de vivências significativas. O ensino, para a autora, aproxima-se de uma prática libertadora, tal como compreendida por Freire (1997). Talvez seja necessário pensar nessa perspectiva de diálogo para aproximar não apenas a teoria da prática, mas, sobretudo, da experiência de alunas e alunos – que, a cada aula, desafiam a pensar qual é o significado a ser construído em uma aula de Teoria da Comunicação.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Alicia; REYNARD, Leslie. Are you the next communication idol? Performing communication theories. **Communication Teacher**, [*s. l.*], v. 22, n. 1, p. 14-17, Jan. 2008. DOI: 10.1080/17404620801914483. Disponível em: < https://share.google/NgkwDvgkHgYx47KxA>. Acesso em: 16 dez. 2025.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Disciplinas teóricas: de entulho de currículo a campo de desejo e autopoiese. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP01_baptista.pdf >. Acesso em: 1º junho 2026.

BARGE, John Kevin. Rethinking the design of communication theory pedagogy. **Communication Education**, [*s. l.*], v. 71, n. 4, p. 267-285,. 2022. DOI: 10.1080/03634523.2022.2103163. Disponível em: < https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03634523.2022.2103163>. Acesso em: 16 dez. 2025.

BAUMAN, Isabelle. Bagging a theory: A random sorting activity for teaching theorizing. **Communication Teacher**, [*s. l.*], v. 37, n. 3, p. 194-197, 2023. Disponível em: https://encurtador.com.br/4oK3L. Acesso em: 16 dez. 2025.

BAUMAN, Zygmund. **A ética é possível diante de um mundo de consumidores?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

BONIN, Jiani Adriana. Elementos para pensar a formação e o ensino em teorias da comunicação. **Conexão***,* Caxias do Sul v. 4, n. 8, p. 61-68, jul./dez. 2005. Disponível em: < http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/download/104/95> em: Acesso em: 1º junho 2026.

BOURDIEU, Pierre. **Por uma sociologia da ciência**. Lisboa: Ed. 70, 2021.

BRAGA, José L. A prática da teoria na pesquisa em comunicação. **Galáxia**, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 48-61, maio/ago. 2019. Disponível em: < https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/39896>. Acesso em: 1º junho 2026.

COSTA, Rosa M. C. D. **Memorial descritivo para fins de promoção na carreira do magistério superior**. Curitiba: UFPR, 2016.

COSTA, Rosa Maria Costa Della. O ensino de teoria da comunicação nos cursos de graduação em Comunicação Social. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2004/resumos/R2059-1.pdf. Acesso em: 1º junho 2026.

DELANEY, Amy; FARRIS, Kristen. Evaluating communication theories in Theory Bowl competition. **Communication Teacher**, [*s. l.*], v. 36, n. 2, p. 105-110, 2022. DOI: 10.1080/17404622.2021.1966484. Disponível em: < https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/17404622.2021.1966484> Acesso em: 16 dez. 2025.

EPSTEIN, Isaac. Um impasse curricular: teoria da comunicação. *In*: MELO, José Marques de. **Ensino de Comunicação no Brasil**. São Paulo: ECA/USP, 1987. p. 94–113.

ESPIRITO SANTO, Eniel; LUZ, Luiz Carlos Sacramento. Didática do ensino superior: perspectivas e desafios. **Saberes**, v. 8, n. 1, p. 53-71, ago. 2013. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/2201. Acesso em: 16 dez. 2025.

FERNANDES, Antonio Batista; FREITAS, Maria Cleidiane; CARNEIRO, Stânia Nágila. Didática no ensino superior: possibilidades e práticas. **Momento**, Natal, v. 28, n. 1, p. 262-277, 2018. DOI: 10.14295/momento.v28i1.7308. Disponível em: https://periodicos.furg.br/momento/article/view/7308. Acesso em: 16 dez. 2025.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê? *In:* MOTTA, Luiz G; FRANÇA, Vera Regina; WEBER, Maria Helena (org.). **Estratégias e culturas da comunicação**. Brasília: UnB, 2001. p. 6-19.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Teoria(s) da comunicação: busca de identidade e caminhos. **Revista da Escola de Biblioteconomia UFMG***,* Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 138-152, jul./dez. 1994. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/38276. Acesso em: 16 dez. 2025.

FRANCO, Maria Amelia. Didática: uma esperança para as dificuldades pedagógicas do ensino superior? **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 9, n. 15, p. 147-166, jul./dez. 2013. Disponível em: https://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/5146/material/Didatica%20M.%20Amelia.pdf. Acesso em: 16 dez. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FUSS, Diana. Accounting for theory in the undergraduate classroom. *In:* SADOFF, Dianne; CAIN, William E. **Teaching contemporary theory to undergraduates**. New York: The Modern Language Association of America, 2014. p. 15-30.

GARCIA, Maria Manuela. O campo da didática no ensino superior brasileiro: um enfoque sócio-histórico. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 73-91, jan./jun. 1995. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71748. Acesso em: 16 dez. 2025.

GIL, Antonio C. **Metodologia do ensino superior.** São Paulo: Atlas, 1995.

GRAY, Jennifer B. Flee boring explanations of theory. **Communication Teacher**, [*s. l.*], v. 37, n. 4, p. 266-271, 2023. DOI: 10.1080/17404622.2023.2242916. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17404622.2023.2242916. Acesso em: 16 dez. 2025.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço.** Petrópolis: Vozes, 2018.

HEISLER, Jennifer; DISCENA, Thomas. Teaching meta theoretical beliefs in Communication Theory. **Communication Teacher**, [*s. l.*], v. 19, n. 2, p. 44-47, Apr. 2005. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17404622.2023.2242916. Acesso em: 16 dez. 2025.

HICKSON, Mark; STAKS, Don. teaching the introductory communication theory course to undergraduates. **Communication Quarterly**, [*s. l.*], v. 41, n. 3, p. 261-226, summer 1993. DOI: https://doi.org/10.1080/01463379309369887. Disponível em: < https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01463379309369887> Acesso em: 16 dez. 2025.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HYLAND, Ken. **Disciplinary identities**: individuality and community in academic discourse. Cambridge: CUP, 2012.

LIBÂNIO, José C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1993.

LIMA, Venício. **Mídia**: teoria e política. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

LIMA, Venício. Repensando as teorias da comunicação. *In*: MELO, José Marques de (org.). **Teoria e pesquisa em comunicação**. São Paulo: Intercom/Cortez, 1983. p. 85-99.

LINS DA SILVA, C. E. Teoria da Comunicação. In: FADUL, Annamaria. & MELO, José. M. **Ideologia e Poder no Ensino de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 1979, pp. 191-211.

MAGGIO, Mariana. **Reinventar la clase en la universidad**. Buenos Aires: Paidós, 2018.

MAIA, João M. E. Ensinando a partir do sul. **Revista Brasileira de Sociologia**, Brasília, v. 11, n. 27, p. 5-22, , jan./abr. 2023. DOI: 10.20336/rbs.916. Disponível em: https://rbs.sbsociologia.com.br/index.php/rbs/article/view/916. Acesso em: 16 dez. 2025.

MAIA, Yasminne Alcântara da Silva; SANTOS, Liliane Bentes dos; SOUSA, Letícia Melo de; HIDALGOS, Eduardo Moraes; OLIVEIRA, Lucas da Silva; BADARÓ, Hugo Bueno; SOUZA, Amarinildo Osório de. Inovações para o ensino de teorias da comunicação: uma experiência no curso superior de Tecnologia em Produção Publicitária do IFAM. *In*: INTERCOM NORTE, 16., 2017, Manaus. **Anais eletrônicos [...]**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2017. Disponível em: https://portalintercom.org.br/anais/norte2017/resumos/R54-0449-1.pdf. Acesso em: 13 maio 2026.

MARTIN, Matthew; WEBER, Keith. Pedagogy in practice: linking the graduate research methods course with communication theory. **Communication Research Reports**, [*s. l.*], v. 23, n. 1, p. 63-67, Jan. 2006. DOI: 10.1080/17464090500535905. Disponível em: < https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17464090500535905 > Acesso em: 16 dez. 2025.

MARTINS, Fernanda C. A.; SILVA, Marcela G. Caderno didático digital: uma estratégia para o ensino de Teorias da Comunicação. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO, 17., 2012, Santa Cruz do Sul. **Anais eletrônicos [...]**. Santa Cruz do Sul: Unisc, 2012. Disponível

em: < https://home.unicruz.edu.br/seminario/downloads/anais/cchc/caderno%20didatico%20digital%20uma%20estrategia%20para%20o%20ensino%20das%20teorias%20da%20comunicacao.pdf> Acesso em: 1º jun. 2026

MARTINO, Luís Mauro Sá. Esboço de um panorama das teorias da comunicação no Brasil: uma aula inaugural. **Líbero**, v. 21, n. 42, p. 95-110, 2018. Disponível em: https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/ article/viewFile/998/923. Acesso em: 20 jun. 2025.

MARTINO, Luís Mauro Sá. A prática de ensino em teoria da comunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, Ano 31, no. 2, Ago./Dez. 2025, pp. 36-52. Disponível em <https://share.google/00t4TqoP2gBYi2rUV>. Acesso em 1o. Jun. 2026.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Rumo a uma teoria da midiatização. **Intexto,** Porto Alegre, Vol. 45, no. 1, maio/agosto 2019, pp. 16-34. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/77889>. Acesso em 1o. Jun. 2026.

MASETTO, Marcos Tarciso. Didática, ressignificado da aula e a formação pedagógica do professor. **Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 149-164, 2023. DOI: 10.12957/riae.2023.76621. Disponível em: < https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/76621 >. Acesso em: 16 dez. 2025.

MEYERS, Erin A. Theory, technology, and creative practice: using pixton comics to teach communication theory. **Communication Teacher**, [*s. l.*], v. 28, n. 1, p. 32-38, Jan., 2014. DOI: 10.1080/17404622.2013.839051. Disponível em: < https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17404622.2013.839051> Acesso em: 16 dez. 2025.

MYERS, Scott. Learning by doing: student development and evaluation of communication theory. **Communication Teacher,** [*s. l.*], v. 36, n. 2, p. 153-159, 2022. DOI: 10.1080/17404622.2021.1937667. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/353308258_Learning_by_doing_Student_development_and_evaluation_of_communication_theory>. Acesso em: 16 dez. 2025.

OLIVEIRA, Márcio. O ensino da teoria sociológica em alguns cursos de Ciências Sociais de universidades públicas brasileiras. **Política & Sociedade***,* Florianópolis, v. 14, n. 31, p. 87-113, set./dez. 2015. DOI: 10.5007/2175-7984.2015v14n31p87. Disponível em: < https://share.google/Lhq1Z5ICdhzllQqxp>. Acesso em: 16 dez. 2025.

OLIVEIRA, Maria Sheleide. Didática no ensino superior: uma reflexão sobre teoria e prática. **Revelli**, Anápolis, v. 4, n. 2, p. 11-25, out. 2012. Disponível em: https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view/3015. Acesso em: 16 dez. 2025.

POPOFF, Sandra Constantin. Didática no ensino superior: entre a imprecisão conceitual e as práticas de ensino colaborativas. *In*: ANPEd, 25., 2020, Vitória da Conquista. **Anais eletrônicos [...]**. Vitória da Conquista: UFBA, 2020. Disponível em: https://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/20/8321-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf. Acesso em: 16 dez. 2025.

REIS, Manuela. Entre textos e contextos: o ensino de teorias sociológicas. **Sociologia**: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, v. 44, n. 1, p. 11-27, 2015. Disponível em: https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/13015. Acesso em: 16 dez. 2025.

SANTAELLA, L. Teoria da Comunicação: considerações para o ensino. Boletim Intercom. no. 38, Ano 5, julho-agosto 1982, pp. 24-28.

SADOFF, Dianne F. Frameworks, materials, and the teaching of theory. *In*: SADOFF, Dianne; CAIN, William E. **Teaching contemporary theory to undergraduates**. New York: The Modern Language Association of America, 2014. p. 103-113.

SILVA, Júlio Fernando. Didática no ensino superior: estratégias de ensino adequadas à arte de ensinar. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 204-219, jul./dez. 2018. DOI: 10.15448/2179-8435.2018.2.31275. Disponível em: < https://revistaseletronicas.pucrs.br/porescrito/article/view/31275>. Acesso em: 16 dez. 2025.

SOUZA, Pedro Mel Bardini; MARTINO, Luís Mauro Sá. O que se pensa sobre o ensino de Teoria da Comunicação? Revista Cambiassú, v. 20, n. 35, p. 114- 135, 2025. Disponível em https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ cambiassu/article/view/25950. Acesso em: 28 nov. 2025.

TAVOLARO, Sergio Barreira de Faria. Teoria sociológica e metodologia. **Ideias**, Campinas, Edição Especial, p. 13-37, 2013. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8649411. Acesso em: 16 dez. 2025.

TAYLOR, Julie; BLEVINS, Maria. COMMCast: podcasts for communication theory. **Communication Teacher**, [*s. l.*], v. 34, n. 4, p. 272-276, 2020. DOI: 10.1080/17404622.2019.1706756. Disponível em: < https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17404622.2019.1706756>. Acesso em: 16 dez. 2025.

TEMER, Ana. C. Teorizar é pensar a prática: uma reflexão sobre o ensino das Teorias da Comunicação nos Cursos de Jornalismo. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO, 10., 2007, Goiânia. **Anais eletrônicos [...]**. Goiânia: UFG, 2007. Disponível em: https://www.rebej.abejor.org.br/index.php/rebej/article/view/96. Acesso em: 16 dez. 2025.

VOCATE, Donna. Teaching communication theory in the professional school. **Journalism and Mass Communication Educator**, [*s. l.*], v. 52, n. 2, p. 4-16, 1997. DOI: 10.1177/107769589705200201. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/107769589705200201. Acesso em: 16 dez. 2025.

Histórico do artigo:
Submetido: 17 dez. 2025 | Aceito: 27 abr. 2026 | Publicado: 05 ago. 2026.